

Aureliano Francisco de Paula

A GRAÇA PARA A SALVAÇÃO: UMA EXEGESE DE TITO 2:11

São Paulo

2008

Aureliano Francisco de Paula

A GRAÇA PARA A SALVAÇÃO: UMA EXEGESE DE TITO 2:11

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final no curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Itamir Neves de Souza

São Paulo

2008

Paula, Aureliano Francisco de

A graça para a salvação : uma análise de Tito 2:11 /
Aureliano Francisco de Paula – São Paulo : Faculdade
Teológica Batista, 2008.

39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Bacharelado em Teologia – Faculdade Teológica
Batista de São Paulo.

1. Bíblia. N. T. – Tito – Crítica e interpretação. 2. Graça –
Aspecto religioso – Cristianismo. 3. Salvação – Teologia
Cristã. I. Título

CDD 248.47

CDD: 261

Aureliano Francisco de Paula

A GRAÇA PARA A SALVAÇÃO: UMA EXEGESE DE TITO 2:11

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Itamir Neves de Souza – Orientador

Prof^o. Jorge Pinheiro - Leitor

Prof^a. Madalena

São Paulo

2008

Agradeço de coração:

A Deus, que me alcançou com sua maravilhosa graça salvadora.

A minha mãe, por sua ajuda imprescindível

À Gláucia, amiga, namorada e futura esposa, ela é minha eterna inspiração

Ao professor Itamir Neves, meu orientador

E a todos que direta ou indiretamente me apoiaram na conclusão desse trabalho.

**Porque a graça de Deus
se manifestou
salvadora a todos os
homens**

RESUMO

Discorre sobre o conceito da graça de Deus para a salvação, trabalhando primeiramente o conceito de graça no Antigo Testamento, segundo a visão de diversos eruditos, depois o conceito de graça no Novo Testamento, segundo a visão de diversos eruditos. Toma como base para o desenvolvimento do tema proposto, o texto de Tito 2:11 e o descreve, fazendo uma exegese, segundo a visão de diversos teólogos conceituados, sugerindo as interpretações mais aceitas. Expõe Tito 2:11 frisando o sentido dos termos originais gregos. Descreve a graça para salvação, sua manifestação e os seus efeitos na vida dos que por ela foram alcançados.

Palavras Chave: Graça. Manifestação. Salvação. Homens. Universalidade.

Sumário

<u>INTRODUÇÃO</u>	12
<u>1 O CONCEITO DE GRAÇA NAS ESCRITURAS SAGRADAS, SEGUNDO DIVERSOS ERUDITOS</u>	13
<u>1.1 Um Hino à Graça de Deus</u>	13
<u>1.2 O Conceito de Graça no Antigo Testamento Baseado em Diversos Eruditos</u>	14
<u>1.3 O Conceito de Graça no Novo Testamento Baseado em Diversos Eruditos</u>	17
<u>2 A GRAÇA SALVADORA EM TITO 2:11</u>	24
<u>2.1 A Epifania da Graça Salvadora</u>	24
<u>2.2 A Universalidade da Graça</u>	27
<u>2.3 A Disciplina da Graça</u>	30
<u>3 A REVELAÇÃO DA GRAÇA SALVADORA</u>	33
<u>3.1 A Graça que se Manifestou</u>	33
<u>3.2 A Graça Salvadora de Todos os Homens</u>	36
<u>3.3 A Escola da Graça</u>	37
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	40
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	41

INTRODUÇÃO

No vôo dos pássaros, no sorriso de uma criança, na beleza da natureza que funciona perfeitamente e em sincronia com suas diversas leis, enfim, a graça de Deus em tudo se manifesta, ela deixou seus rastros na história...

Durante muito tempo, embora estivesse sempre presente, a graça esteve despercebida da humanidade, mas o apóstolo Paulo escrevendo a Tito, disse que no tempo determinado por Deus: “Ela se manifestou trazendo salvação a todos os homens” (Tito 2:11).

Se é verdade que a graça se manifesta em toda a criação, na qual podemos ver claramente os atributos invisíveis de Deus (Rm 1:20), foi na encarnação do Filho – última revelação de Deus à humanidade – que a graça teve a sua maior apoteose, porque ela se manifestou, trazendo em suas asas a salvação.

A graça não apareceu para trazer libertinagem, antes pelo contrário, ela veio trazer liberdade, apresentando-se a todos, como uma luz no fim de um túnel, apontando o caminho de esperança e de salvação.

A mensagem que a graça proclama é de mudança de atitude, na voz de João Batista seu conclave era: “Dêem fruto que mostre o arrependimento!” (Mt 3:8), na pregação de Pedro era “arrependam-se” (At 2:38), e nas palavras do Senhor Jesus Cristo: “Quem pratica a verdade, vem para luz” (Jo 3:21).

A graça é a luz que mostra o caminho de volta a Deus, ela tem uma escola, e nessa escola as pessoas aprendem de que forma devem viver para que tenham a imagem divina restabelecida em si, em seu novo ser, pensamento e atitudes.

As lições que a graça ensina através de sua disciplina, é que os que por ela foram alcançados, precisam viver: “De maneira sensata, justa e piedosa nessa era presente” (Tt 2:12b).

É sobre isso que esse trabalho discorre: a manifestação da graça salvadora e os seus ensinamentos aos que aceitaram o senhorio de Jesus Cristo, estes que renasceram do Espírito para uma nova vida, uma vida debaixo da graça e não debaixo da Lei (Rm 6:14), uma vida em comunhão com o Criador e Sustentador de todas as coisas.

1 O CONCEITO DE GRAÇA NAS ESCRITURAS SAGRADAS, SEGUNDO DIVERSOS ERUDITOS

O conceito de graça nas Escrituras Sagradas, no decorrer do tempo, foi estudado e pesquisado por diversos teólogos, nesse capítulo a maravilhosa graça de Deus será analisada tomando como base as conclusões e contribuições desses diversos eruditos, que a analisaram, examinando as revelações bíblicas tanto do Antigo Testamento, quanto do Novo Testamento.

1.1 Um Hino à Graça de Deus

Graça Sublime

Oh, graça sublime do Senhor,
Perdido me achou,
Estando cego me fez ver
Da morte me salvou,
A graça me fez, enfim, temer
E o meu temor levou,
Ó preciosa é para mim,
A hora em que me salvou.¹

Foi assim que o conhecido cantor evangélico, João Alexandre, expressou através desse maravilhoso hino tradicional, “Graça Sublime”, a extrema importância da maravilhosa graça de Deus que: “se manifestou salvadora a todos os homens” (Tito 2:11).

Cantada por alguns, declamada por outros, a graça de Deus se apresenta como um dos mais importantes e relevantes temas da Palavra de Deus, tema esse

¹ Música de João Alexandre do álbum “Voz e Violão”, gravado em 1996. Produção independente.

que já inspirou diversos escritores, que através de suas contribuições procuraram descrever a grandiosidade e os efeitos da graça salvadora.

Tal como expressa muito bem essa conhecida música, quando a graça nos encontrou, estávamos num estado pecaminoso, e a imagem de Deus estava manchada em nós como resultado de nossa desobediência, mas a graça veio ao nosso encontro, nada é impossível para Deus, e a graça salvadora é o seu poder transformador, o qual pode mudar completamente uma pessoa.

Ela tem poder para dar visão espiritual a alguém que se encontra envolto nas mais densas trevas e livrar alguém sentenciado à morte espiritual eterna. Ela pode dar a alguém consciência da realidade de Deus, a qual se encontra oculta dos olhos humanos naturais.

Embora não seja valorizada por todos, a graça é um bem extremamente precioso que temos na Terra, porque sem ela estaríamos condenados a viver eternamente longe do Criador e Sustentador de todas as coisas.

Onde qualquer tentativa humana de voltar a Deus pelos próprios esforços falhou, a graça teve seus méritos em vir com êxito em busca dos homens perdidos, ela tem poder de restaurar completamente alguém e modificar os valores distorcidos pelo pecado. Ela é graça porque salva independentemente de méritos, mas de forma alguma deve ser entendida como uma graça gratuita, porque o seu preço foi a misericórdia de Deus, e os seus motivadores a paciência e a bondade divinas que agiram trazendo perdão a pessoas que mereciam o mais severo castigo.

A graça é graça, porque ser humano algum consegue comprá-la, porque ela deve ser aceita pela fé, por aqueles que se aproximam de Deus com o coração aberto e sincero, estes que um dia foram alcançados por esse favor imerecido; a graça é o meio divino, o caminho, para que alguém possa ter novamente acesso à comunhão com Deus.

1.2 O Conceito de Graça no Antigo Testamento Baseado em Diversos Eruditos

Tomando com base o estudo de diversos autores conceituados, podemos constatar a presença e a ação da graça já no Antigo Testamento, mas nem todos conseguem perceber que desde lá ela já estava operante, manifestando-se muito

antes da criação da raça humana; na verdade a graça é a força motivadora de Deus que vem agindo desde a eternidade, manifestando a bondade divina sobre todas as coisas criadas, o próprio ato da criação já é uma clara mostra da atuação da graça de Deus, que a partir do nada trouxe tudo à existência e pelo seu eterno poder sustentador, faz com que tudo funcione em perfeita harmonia.

Embora seja notório, que geralmente costumemos classificar a graça como um assunto neotestamentário, é interessante notar como o Antigo Testamento discorre sobre o seu conceito e atuação muito mais do que possamos imaginar; tomando como exemplo a própria escolha do povo de Israel e as alianças de Deus com esse povo, percebemos claros lampejos da graça de Deus: “o Senhor não se afeiçãoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos” (Dt 7:7), quando a bondade de Deus se manifesta independentemente do que alguém faz ou deixa de fazer, independentemente se essa pessoa merece ou não, é a graça de Deus que está atuante, mostrando inquestionavelmente a bondade e misericórdia divinas. A Bíblia de Estudo Pentecostal (2002, p. 1704) destaca muito bem a atuação da graça de Deus sobre Israel: “No AT Deus revelou-se como o Deus da graça e misericórdia, demonstrando amor para com o seu povo, não porque este merecesse, mas por causa da fidelidade de Deus à sua promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó.”

Ao se ler o Antigo Testamento sob o olhar da graça, podemos perceber claramente uma mudança de perspectiva, será que alguém conseguiria enxergar facilmente a graça na lei? Por mais incrível que isso possa parecer, a própria lei é uma amostra da graça de Deus, Shedd (2002, p. 15) compreendeu muito bem essa verdade: “O que Deus pretendia quando concedeu a lei a Seu Povo não era uma justiça produzida por obras (realizadas na carne). Israel não compreendeu que era uma maravilhosa expressão da graça divina”, isso porque o objetivo da lei nunca foi condenar o ser humano, antes pelo contrário, foi apenas apontar as justas ordenanças de Deus e trazer o ser humano de volta à comunhão com Deus, se não o conseguiu foi por causa da atuação do pecado, ninguém pode negar que a Lei é boa, porque o próprio apóstolo Paulo frisou: “De fato a Lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom” (Rm 7:12).

Ao se falar no conceito de graça no Antigo Testamento, embora não haja dúvida de sua atuação, como já foi visto, por outro lado, como bem destaca Pikaza e Silanes (1988, p. 381), não há o equivalente exato que a defina:

Quando procuramos o conceito de graça no AT, vemo-nos diante de múltiplos termos e grande riqueza de vocabulário, pois que não temos equivalente exato da palavra graça.

Ele nos fala de Deus que se inclina para o homem com misericórdia (Nm 6:24), que é fiel e se aproxima com ternura (Is 14:1; 49:15). Do Deus ativo que abençoa o homem, dele se compadece, nele se compraz, perda-o, sabe e quer conduzi-lo a futuro feliz...

O tema da graça no AT se acha unido ao tema de Deus, autor da criação e da regeneração dos homens.

O que chamamos de graça no Javista podemos encontrar e resumir como benção e eleição (Gn 12:1-3). O Deuteronomio acentuará a benevolência e a aliança (Dt 27-28). No profeta Oséias destaca o amor e a aliança (Os 2:16-25). Isaías enfatiza a promessa e o restabelecimento da amizade e da fidelidade por meio do messias (Is 9:1-6; 11:1-5). Jeremias insiste na amizade íntima de Deus para com o homem e na renovação da aliança (Jr 31-33). Ezequiel acentua a complacência que Deus põe no homem (*hesed*, *hen* em hebraico). Muitos outros temas e textos poderíamos acrescentar. Desde esta primeira luz em Israel, vemos que a graça se une à salvação. Olhando para o futuro, aparecem a fidelidade e a amizade de Deus até a consumação de Israel: chegar a ser plenamente o povo da aliança. As atuações de Deus, eleição, aliança e promessa, se concretizam como benção.

Podemos destacar dois aspectos gerais. O primeiro é a benevolência de que Deus que, por graça, escolhe Israel e lhe oferece salvação e amizade. Podemos dizer: Deus põe seu coração no homem.

Um segundo aspecto do comportamento de Deus é seu dinamismo. O hebreu não pensa tanto em substantivos, quanto em verbos: a pessoa que age, neste caso Deus. Os comportamentos de Deus que nos dão a possibilidade de chamar graça são principalmente ações e acontecimentos que partem de Deus e dos homens.

A conclusão óbvia aqui, é que a melhor forma de se entender o conceito de graça no Antigo Testamento, é de fato pelos efeitos e ações da mesma, opinião essa confirmada por Youngblood, Bruce e Harrison (2004, p. 628), que destacam que não existe maior exemplo de sua manifestação nas páginas do Antigo Testamento do que a redenção poderosa que Deus efetuou em favor de Israel: “No Antigo Testamento, o exemplo supremo de graça foi a redenção do povo hebreu do Egito e seu estabelecimento na terra prometida. Isto não ocorreu devido a algum mérito da parte de Israel, mas independentemente de suas iniquidades (Dt 7:7-8; 9:5-6).”

Levando em consideração essa análise veterotestamentária do conceito de graça, convém ressaltar a opinião de Champlin (1980, p. 558), que de uma forma surpreendente tomou como base a teologia paulina, para expor o seu ponto de vista

sobre a graça salvadora no Antigo Testamento (para Champlin, o arrependimento no A.T prenuncia a graça), ele observa:

Paulo dá a entender que o caminho de salvação é o mesmo, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Os capítulos quarto e novo a décimo primeiro da epístola aos Romanos, com suas muitas citações do A.T.; comprovam o ponto. Apesar de que não se pode demonstrar claramente no A.T o sistema graça-fé, em contraste com o sistema da lei, aqui e acolá aparecem pontos de discernimento quanto ao princípio mais elevado da graça, antecipando aos ensinamentos neotestamentários. A ilustração de Paulo acerca de Abraão, no quarto capítulo da epístola aos Romanos, com base na narrativa do A.T, é exemplo disso – Abraão foi justificado pela fé. Com isso, como é claro, os legalistas não concordavam.

Por igual modo, várias indicações atinentes ao arrependimento, que reconhecem ser este o recebimento de um novo coração, algo que depende de uma operação no íntimo, e não de mera obediência externa ao princípio legalista, comprovam o que acabamos de declarar. O novo coração é dom da graça divina (Jer 31:31-34); pelo que a graça é antecipada em certos trechos do A.T, quando este fala sobre o arrependimento.

Esse pensamento de Champlin parece fazer eco nas palavras de Davi: “Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás” (Sl 51:17). Com esses exemplos dados, tomando com referência as claras intervenções de Deus em benefício de Israel, fica claro que a relação de Deus com seu povo sempre foi intermediada pela sua graça. No Antigo Testamento a graça de Deus se manifestou sobre Israel sem que este tivesse feito qualquer coisa para que a merecesse.

1.3 O Conceito de Graça no Novo Testamento Baseado em Diversos Eruditos

Fazendo uso das contribuições de diversos estudiosos, é possível perceber de modo completo, a presença e a ação da graça no Novo Testamento.

A relação de Deus para com o ser humano sempre foi intermediada pela sua graça, desde a sua criação até sua redenção; nas páginas do Novo Testamento a graça aparece no sentido de colocar o ser humano como alvo de atitudes ou ações imerecidas por parte de Deus.

Muitos teólogos, no decorrer do tempo, têm procurado definir o sentido da palavra graça, e pelo que se tem notado, as definições do sentido geral do termo sofrem pouca variação de autor para autor, e ambos à sua maneira procuram demonstrar esse favor de Deus que foi manifesto em benefício dos pecadores; o que

se verá a seguir é a exposição de algumas dessas definições, por parte de autores conceituados, que discorreram sobre esse importante tema das Escrituras.

Os autores contemporâneos Hawthorne, Martin e Reid (2008, p. 608) foram procurar nos escritos paulinos o sentido do termo e fizeram algumas importantes observações:

Quase dois terços (100 de 154) das ocorrências neo testamentárias de charis, normalmente traduzida por “graça”, se encontram nas cartas paulinas. Na prática paulina, a palavra charis tem o sentido básico de “favor”, e quando Deus ou Cristo são o sujeito agindo em graça para com a humanidade é favor imerecido. Em especial, isso é evidente em contextos que se referem à salvação ou aos dons do Espírito (onde o termo análogo charisma sobrepõe-se a charis).

Com isso, é nítido que em Paulo, charis é um conceito central que expressa com clareza o entendimento que ele tinha do evento da salvação. Paulo não via a graça uma atitude ou característica de Deus não revelada anteriormente, como se antes ele fosse conhecido apenas como uma divindade colérica. O apóstolo Paulo via a graça como um ato totalmente generoso de Deus, que refletia a natureza totalmente generosa de Deus.

Shedd (2002, p. 18), vê a graça de Deus conforme descrita no Novo Testamento como sendo o seu “favor imerecido”, isso porque a expressão e manifestação desse favor divino em benefício dos seres humanos pecadores e depravados, nasceu unicamente na natureza doadora de Deus, ao tomar iniciativa para estender a possibilidade de salvação à raça humana, o Senhor mostrou a sua misericórdia e amor aos seres humanos caídos, abrindo assim, a possibilidade de que o homem fosse reconciliado consigo mesmo.

Essa idéia pode ser muito bem vista, na definição de Vine (2002, p. 679), que descreve o termo charis no nominativo, da seguinte maneira: “Por parte do doador, a disposição graciosa ou amigável da qual procede o ato benevolente, graciosidade, ternura, clemência, a boa vontade em geral, especialmente com referência ao favor divino ou graça.”

Embora essa seja, sem dúvida, uma definição muito boa, Douglas (2006, p. 382) amplia ainda mais o termo: “A graça envolve outros assuntos tais como o perdão, a salvação, a regeneração, o arrependimento, e o amor de Deus”, aqui a graça é vista no seu sentido mais abrangente, definindo cada processo da obra de Deus na raça humana, como resultado da manifestação da graça de Deus. O que se pretende mostrar é que cada estágio da vida cristã é fruto do recebimento dos

favores divinos; o ser humano apresenta-se mais uma vez em seu estado passivo, apenas como alvo da graça divina.

Unger (2006, p. 598), define graça como sendo “a base da vida embelezada”, e ao elaborar sua definição, expõe algumas aplicações práticas na vida do cristão:

A graça da Deus – o imerecido favor e misericórdia divinos concedidos aos pecadores desesperadamente perdidos que confiam na expiação vicária de Cristo (Rm 3:24) – constitui o fundamento da conduta piedosa. Essa graça, que trouxe salvação e foi revelada na pessoa e obra de Cristo, ensina a disciplina e a instrução, bem como se educa uma criança. A lição é que estamos salvos do pecado pela sua graça, habilitados, portanto, a uma vida santa e justa, devendo por isso negar ou rejeitar a impiedade e paixões mundana. Esta vida deve ser positiva, caracterizada por uma mentalidade sóbria, por uma conduta que mereça a aprovação de Deus. A esfera dessa atividade é neste mundo, ou era, o campo de prova da nossa fé.

Nesse sentido colocado por Unger, a graça se apresenta como sendo a base da vida do cristão – “a vida embelezada” – não apenas a causa primária do começo dessa nova vida, mas o seu próprio desenvolvimento e razão de ser, o sustento em cada fase dessa nova vida que se manifesta através da capacitação divina em benefício de pecadores, para que esses vençam os testes aos quais estiverem expostos durante sua curta caminhada por esse mundo.

Calvino (2007, p. 253) costumava ver a graça como uma clara manifestação do amor de Deus que emana da sua bondade, para Calvino, esse amor gracioso se manifesta sobre os pecadores: “não de forma ordinária, mas extraordinária”, e ao dizer isso Calvino destaca a manifestação da graça, nascida unicamente da vontade de Deus de resgatar a raça humana perdida para si, essa manifestação extraordinária remete ao fato de que a bondade divina, nasceu unicamente em seu amor e bondade e em nada mais.

Bonhoeffer (1999, p. 9) também ressalta a grandiosidade da misericórdia divina e fala da sua preciosidade:

A graça é o tesouro oculto no campo, por amor do qual o homem sai e vende com alegria tudo quanto tem: a pérola preciosa, para adquirir a qual o comerciante se desfaz de todos os seus bens; o governo régio de Cristo, por amor do qual o homem arranca o olho que o escandaliza; o chamado de Jesus Cristo, ao ouvir do qual o discípulo larga suas redes e o segue. A graça preciosa é o evangelho que há de se procurar sempre de novo, o dom pelo qual se tem que orar, a porta à qual se tem que bater. Essa graça preciosa porque chama ao discipulado, e é graça por chamar ao discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao homem, e é graça por, assim, lhe dar a vida; é preciosa ao condenar o pecado, e

é graça por justificar o pecador. Essa graça é sobretudo preciosa por tê-lo sido para Deus, por ter custado a Deus a vida de seu Filho - “fostes comprados por preço” - e porque não pode ser barato para nós aquilo que para Deus custou caro. A graça é graça sobretudo por Deus não ter achado que seu Filho fosse preço demasiado caro e pagar pela nossa vida, antes o deu por nós. A graça preciosa é a encarnação de Deus.

A graça preciosa é graça considerada santuário de Deus, que tem que ser preservado do mundo, não lançado aos cães; e é graça como palavra viva, a Palavra de Deus que ele próprio pronuncia de acordo com o seu beneplácito. Chega até nós como gracioso chamado ao discipulado de Jesus; vem como palavra de perdão ao espírito angustiado e ao coração esmagado. A graça é preciosa por abrigar o indivíduo a sujeitar-se ao jugo do discipulado de Jesus Cristo. As palavras de Jesus: “O meu jugo é suave e o meu fardo é leve” são expressões da graça.

Outros autores, como por exemplo Richards (2004, p. 869) entendem a graça de Deus como a atitude sempre presente no ministério do Senhor Jesus Cristo, de servo sofredor, aquele que vivem não apenas em benefício de si mesmo, mas aquele que pensa nos outros; essa imagem, segundo Richards, pode ser notada nas narrativas gerais do evangelhos, mas encontra seu clímax na ressurreição do Senhor, o autor pondera:

Ele acabara de sofrer açoites brutais e zombaria, que preparavam o prisioneiro para a crucificação. Suas mãos e pés foram pregados no madeiro. Agora, Jesus estava pendurado na cruz, entre o céu e a terra. Seu peso alternava-se sobre a carne rasgada dos pés e mãos. Ao redor dele, soldados indiferentes rifavam suas roupas, enquanto os inimigos sorriam de satisfação com sua agonia.

Mas até aqui vemos a graça de Deus revelada, especialmente quando notamos os incidentes relatados nos outros evangelhos. Mesmo pendurado na cruz, Jesus continuou pensando nos outros.

Como já foi dito anteriormente, a graça de Deus é definida muito mais pelos seus efeitos do que por conceitos, refiro-me ao poder que ela tem de operar na vidas dos que a recebem, Gustav Aulém (2002, p. 291) ao falar sobre os fatores constitutivos da igreja, usa um termo próprio para descrever a graça, “meios da graça” e diz algo interessante nesse sentido:

O conceito de meio de graça dispõe tanto de elasticidade como de estabilidade. De um lado, não se pode traçar externamente o limite dos meios de graça. De outro, todos os meios de graça são definidos pelo evento de Cristo. A própria expressão meios de graça leva facilmente à idéia de que se trata de algo separado do Espírito divino ou colocado entre o Espírito e o homem. Mas a expressão tem também o mérito de ressaltar que o objetivo de tudo na igreja é o estabelecimento do “reino da graça”, um reino em que Deus efetiva o domínio do seu amor. Pode-se fazer uso da expressão, portanto, na medida em que fica claro que o Espírito não é algo separado dos meios da graça, mas constitui o seu poder vivo.

Pikasa e Silanes (1988, p. 380), exibiram uma das mais célebres definições da palavra graça, e reconhecem a dificuldade de defini-la:

O conceito de graça é amplo e complicado, já que, sob a palavra graça, subjaz a riqueza da experiência religiosa e da fé cristã, qual encontro e relação entre o homem e Deus.

Já em grego e latim, graça reúne em si várias, às vezes díspares. Graça pode ser benevolência, amor, prazer, beleza... O mesmo problema aparece nas línguas modernas. Reina aqui uma polissemia ampla.

Quando graça se aplica à relação entre Deus e o homem, a compreensão dela dependerá da compreensão de Deus e do próprio homem. Eis por que a riqueza de matizes é imensa e no estudo da tradição cristã os acentos podem ser díspares ainda que dizendo materialmente as mesmas palavras. Caso típico será a interpretação de santo Agostinho nos tempos da Reforma e do Jansenismo.

Para este tema e neste caso, ao abordarmos a compreensão cristã da graça, temos de partir do conceito de Deus que está por trás das preocupações doutrinárias ou experiências religiosas da história da igreja.

Partimos da experiência fundante: Cristo e os discípulos, e ainda os sucessores imediatos. Veremos alguns assuntos fundamentais na história da doutrina sobre a graça, a fim de procurar orientação geral nos dias de hoje. Sob este aspecto encontramos três pontos críticos que constituem os esteios da teologia cristã.

Do esquecimento da unidade de criação e salvação surge a oposição entre graça e liberdade, entre Deus e o homem. Inicia-se na discussão pelagiana e permanece até hoje nos pensadores e cristãos do Ocidente. Podemos chamá-la dimensão teológica da graça.

Com o esquecimento da experiência sacramental da primeira Igreja, rompe-se a unidade no indivíduo, ruptura que o impede de viver jubilosamente a graça. Aparece na história, ao lado das questões sobre a predestinação, a relação das boas obras e da caridade, da experiência da graça no indivíduo. Podemos chamar isto dimensão cristológica da graça: o ser em Cristo. Com isto temos todo o problema de assumir o histórico na graça, como história de salvação, cujo autor é Deus em Cristo.

Do esquecimento da comunidade, do grupo dos crentes, surgem o excessivo individualismo e 'coisismo' no tratamento da graça e em sua vivência; em teologia, aí reside todo o problema da inabilitação trinitária, do Espírito, da Igreja. Podemos chamar este aspecto dimensão pneumatológica da graça no cristianismo.

Champlin (1980, p. 431) descreve a graça de Deus quase que em linguagem poética e ressalta o imenso privilégio que temos em Cristo.

Essa graça de Deus é que traz os escravos aos pés de Cristo, transformando-os. Nada existe que a graça divina não possa fazer. Ela nos confere esperança da vida eterna, a saber, a transformação segundo a imagem de Cristo, de tal modo que chegamos a ser, essencialmente, o que ele é em sua natureza, participantes da sua herança. A grande graça que faz isso, por conseguinte, é uma força educativa e instrutora poderosíssima. Graça no grego é charis, que indica graciosidade, atrativo, favor.

Ainda descrevendo o sentido do termo, o mesmo autor, fala algo sobre a operação da mesma.

A graça divina também gera a fé, a qual é o meio de justificação, como também de conduta diária. Dentro do sistema graça-fé, o Espírito se mostra ativo, de forma que os ideais da espiritualidade se cumprem na alma. Portanto, a graça é muito mais que mero título que nos diz que Deus nos concedeu algo, como uma dádiva. Pelo contrário, é um princípio vivo. Noutras palavras, graça é um vocábulo que usamos para exprimir como Deus opera, através de seu Espírito, na vidas dos homens. A graça, ao conceder-nos o Espírito Santo, transforma-nos de acordo com a imagem de Cristo, de modo a compartilharmos da natureza divina, através de um processo que passa de um estágio para outro, cada qual mais elevado, interminavelmente (II Co 3:18), é segundo essas linhas que a graça opera. Ela inspira e cultiva. Ela santifica e transforma. Tudo isso vai muito além de qualquer coisa que a lei conferia, tornando a salvação da alma, um empreendimento divino, e não humano, embora se faça necessária a reação humana positiva mediante a fé.

E destaca sua aplicação à vida de Jesus e discorre também algumas de suas ocorrências gerais na vida das pessoas que tiveram contato com o Mestre:

O termo charis nunca aparece nos lábios de Jesus, nos evangelhos sinópticos. Porém, diversas das suas parábolas ensinam o princípio da graça, como um ato divino. O livro de Atos, igualmente escrito por Lucas, indica com frequência, que a salvação vem pela fé, à parte das obras. Por semelhante modo, os capítulos um e dois da primeira epístola de Pedro, e também I Pedro 3:7 e 5:10, aprende-se estar em operação o princípio da graça, com pristina clareza, embora o assunto não seja ali tão bem desenvolvido como nos escritos de Paulo. A epístola aos Hebreus emprega muitas palavras que indicam a graça. O evangelho de João não desenvolve o conceito de graça, mas apenas é salientada a necessidade de fé para haver salvação, o que é um elemento básico do sistema da graça. A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo, em contraste com a lei, que viera por intermédio de Moisés (Jo 1:17). Dessa forma, apesar de que somente o apóstolo Paulo desenvolve as descrições teológicas do sistema da graça-fé, o N.T inteiro é um documento que ilustra essa verdade. (CHAMPLIN, 1980, p. 559).

Outra definição de graça é exposta por Moura (1993, p. 133) segundo o autor ela é um: “Dom gratuito de Deus. Distinguem-se: graça habitual, pela qual nos fazemos semelhantes a Deus e participamos da sua amizade; é o começo da vida definitiva da glória; e graça atual, que é uma ajuda ou auxílio de Deus para fazer o bem.”

A última definição da palavra graça a se destacar é a de Youngblood, Bruce e Harrison (2004, p. 559) que entendem a graça como sendo:

A manifestação de favor ou bondade sem se relacionar a valor ou mérito da pessoa que a recebe independentemente do que a pessoa merece. A graça é um dos atributos principais de Deus. O Senhor Deus é “compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade”, consequentemente, a graça está quase sempre associada a misericórdia, amor, compaixão e paciência. Embora a graça de Deus seja sempre livre e não merecedora, não deve ser considerada como regra. A graça somente é desfrutada dentro da Aliança – a dádiva é dada por Deus e é recebida pelas pessoas através de arrependimento e

fé (Am 5:15). Deve ser humildemente procurada através da oração pela fé (Mt 1:9).

A graça de Deus foi revelada de modo surpreendente e concedida na pessoa e obra de Jesus Cristo. Jesus não foi apenas o beneficiário da graça de Deus (Lc 2:40), mas também sua encarnação (Jo 1:14), trazendo-a à raça humana para salvação (Tt 2:11). Por sua morte e ressurreição, Jesus restaurou a comunhão quebrada entre Deus e seu povo, judeus e gentios. O único caminho para a salvação de qualquer pessoa é “pela graça do Senhor Jesus” (At 15:11).

A graça de Deus revelada em Jesus Cristo é concedida aos seres humanos para salvação por meio do Espírito Santo, que é chamado “o Espírito da graça” (Hb 10:29). O Espírito é aquele que une Cristo ao seu povo, para que este possa receber perdão, adoção como filhos e novidade de vida, assim como todo tipo de dom ou graça espiritual (Ef 4:7).

O tema da graça é especialmente notório nas cartas de Paulo. Este coloca a graça acima e contra a lei e as suas obras (Rm 3:24,28). Paulo deixa suficientemente claro que a salvação não é algo que pode ser conquistada; pode ser recebida apenas como dom da graça (Rm 4:4). A graça, no entanto, deve ser acompanhada pela fé; uma pessoa precisa confiar na misericórdia e no favor de Deus, mesmo que não lhe sejam merecidos (Rm 4:16; Gl 2:16).

A lei de Moisés revelou a justa vontade de Deus em meio a escuridão do paganismo; foi a dádiva graciosa de Deus a Israel (Dt 4:8). Mas sua vontade tornou-se completa quando Jesus trouxe o evangelho da graça ao mundo (Jo 1:17).

Como esse capítulo foi iniciado com uma música, quero concluí-lo com outra, essa é de Julia Johnson, citada por Champlin (1980, p. 559) que expressou de uma maneira poética, através desse maravilhoso cântico, a graça do Senhor:

Maravilhosa graça de nosso amoroso Senhor;
Graça que ultrapassa nosso pecado e culpa,
Lá no Calvário monte derramada,
Ali, onde se verteu o sangue do Cordeiro.

2 A GRAÇA SALVADORA EM TITO 2:11

O versículo de Tito 2:11, é analisado sob o ponto de vista de diversos eruditos que expuseram com base no texto grego, essa maravilhosa graça salvadora, manifestada em benefício dos pecadores.

2.1 A Epifania da Graça Salvadora

O apóstolo Paulo nesse importantíssimo texto da Palavra de Deus diz que em algum momento “a graça de Deus se manifestou” (Tito 2:11), com isso, não se deve supor que o seu início se deu junto com o seu aparecimento, porque a idéia que se quer destacar aqui é que essa graça já existia com Deus desde a eternidade e num certo momento da história se revelou aos homens. Stott (2004, p. 198) escreveu sobre essa eternidade da graça e apontou a sua manifestação dentro do contexto histórico, em Stott a graça se manifestou em Jesus no sentido de que é nele que ela se tornou visível:

É certo que a graça não veio a existir somente quando Cristo veio. Deus sempre foi gracioso, de fato, “o Deus de toda a graça”. Mas a graça tornou-se conhecida visível em Jesus Cristo. A graça salvadora de Deus, que nos foi dada antes do início do tempo, foi “agora revelada pela manifestação de nosso Salvador Jesus Cristo. Ela foi esplendorosamente mostrada em seu humilde nascimento, em suas graciosas palavras e em seus atos movidos de compaixão; mas sobretudo, em sua morte expiatória. Ele mesmo era “cheio de graça”. Sua vinda foi, acima de tudo, uma epifania da graça salvadora, da graça “que traz salvação”. Ela se manifestou salvadora a todos os homens, no sentido de que passou a ser publicamente oferecida a todos, até mesmo a escravos.

Se alguém deseja contemplar a graça de Deus precisa olhar para Jesus, pois a sua encarnação, pregação, ensinamentos e sinais apontam claramente para a graciosidade de Deus entre os homens, a vida de Jesus, revela a Deus, a quem ninguém nunca viu (I Jo 4:12), a graça em Jesus, tornou o Pai visível aos homens.

Esse pensamento que vê na revelação do Filho a manifestação da graça não é defendido apenas por Stott, Spain (1980, p. 198) compartilha exatamente o mesmo ponto de vista:

Em Jesus, a graça se manifestou, com sua encarnação enfim, o Filho, última revelação de Deus aos homens, veio trazer salvação a todos os que crêem em seu nome; nas palavras do apóstolo João, assim como Moisés foi precursor da Lei, em Jesus a graça foi finalmente manifesta.

Champlin (1980, p. 430) segue a mesma linha de pensamento:

Os propósitos e a graça são eternos têm origem antiquíssima, que vem desde a eternidade passada. Mas viemos a tomar conhecimento desses propósitos graciosos somente através da manifestação histórica do Senhor Jesus Cristo, o qual pôs ponto final no poder da morte, trazendo luz e imortalidade às trevas humanas que importam em morte.

Kelly (1981, p. 221) comentando Tito 2:11, compara o aparecimento da graça com a luz da aurora, a suprema revelação de Deus que se manifestou nesses últimos dias. Em Kelly, o objetivo da graça é primeiramente salvar.

A partícula inicial Porquanto indica que está para declarar o fundamento teológico do conselho que acabou de dar. É que a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Como normalmente em Paulo, graça representa o favor gratuito de Deus, a bondade espontânea mediante a qual intervém para ajudar e livrar os homens. A graça de Deus alguma coisa acerca da qual, à parte da revelação, os homens não poderiam ter formado qualquer noção; mas agora se manifestou. A metáfora subjacente é aquela do repentino irromper da luz, como na aurora. A referência não é simplesmente à Natividade de Jesus Cristo, mas, sim, à Sua carreira terrestre inteira, inclusive sua morte e ressurreição. Nisto temos uma revelação maravilhosa do amor e favor divinos. E esta revelação foi feita “para a salvação de todos os homens.” Mais uma vez, temos o pensamento da universalidade da salvação, mas é possível que o Apóstolo também esteja subentendendo que a graça de Deus se estende as classes da humanidade.

Hendricksen (2001, p. 452), lançou luz sobre o tema da revelação da graça salvadora, descrevendo a extensão e o objetivo da mesma:

A graça de Deus é seu favor ativo em outorgar o maior dom aos que merecem o maior castigo. Essa graça penetrou em nossas trevas morais e espirituais. Ela “apareceu”. O verbo usado no original se relaciona ao substantivo epifania, ou seja, aparecimento ou manifestação (por exemplo, do sol ao amanhecer). A graça de Deus surgiu repentinamente sobre o que estavam nas trevas e na sombra da morte (Mt 4:2, Lc 1:79, At 27:20 e Tt 3:4). Ela despontou quando Jesus nasceu, quando de seus lábios emanaram palavras de vida e beleza, quando curava os enfermos, limpava os leprosos, expulsava os demônios, ressuscitava os mortos, sofreu pelos pecados dos homens e quando deu sua vida pelas ovelhas para reassumir na manhã da ressurreição. Assim a graça derramou sobre o mundo a santa luz de Cristo e “afugentou a escura noite do pecado”. Então nasceu o sol da justiça “trazendo cura em suas asas”. A graça de Deus apareceu “salvadora a todos os homens”. Em todas as demais partes do Novo Testamento, a palavra salvadora, quando precedida pelo artigo e usada como substantivo significa salvação (Lc 2:30, 3:6, At 28:28, Ef 6:17), no sentido espiritual do termo. Daí, também aqui em Tito 2:11, o significado é: a graça de Deus fez sua aparição “trazendo salvação”. A graça veio resgatar o homem do maior mal possível, a saber: a maldição de Deus sobre o pecado; e conceder-lhe o maior benefício

possível, a saber: a benção de Deus para a alma e para o corpo por toda a eternidade.

A seguir, Hendriksen (2001, p. 452), discorrendo sobre o alcance dessa maravilhosa graça salvadora, exemplifica o seu resplander diante dos homens:

Ela trouxe salvação a “todos os homens”. Aqui em Tito 2:11, o contexto faz o significado bem claro. Masculino e feminino, idoso ou jovem, rico ou pobre: todos são culpados diante de Deus, e dentre todos eles Deus congregou seu povo. Anciãos, anciãs, homens e mulheres mais jovens, e até mesmo escravos devem viver vidas consagradas, porque a graça de Deus manifestou salvação a todos esses vários grupos ou classes. A graça não passou por alto os de idade avançada só porque são idosos, nem mulheres só porque são mulheres, nem escravos só porque são meramente escravos, etc. Manifestou-se a todos, sem consideração de idade, sexo ou posição social. Por isso ninguém pode derivar, desde seu grupo ou casta particular a que pertence, razão plausível para não viver a vida cristã.

Essa graça se manifestou, no grego temos o verbo *epiphaino*, que significa aparecer, manifestar-se. Cristo é a epifania ou manifestação de Deus, e isso tanto em seu primeiro como em seu segundo adventos. Nessa manifestação, pois, a graça divina resplandece diante dos homens.

No culto ao imperador, que era próprio do império romano, a palavra epifania era usada para a impressão de divindade, referindo-se a aniversário natalício ou à coroação do imperador, designando alguma visita real ou oficial, ou mesmo a volta do rei de algum país estrangeiro. Essa palavra também era usada para designar o suposto aparecimento de

divindades aos homens. Mas, conforme diz o autor sagrado, há somente autêntica epifania, isto é, a de Cristo, o Filho de Deus.

Usando a analogia de Hendriksen (2001, p. 452) de que a graça se manifestou como “o sol da justiça trazendo cura em suas asas”, conclui-se que essa graça não é como alguém que “corre sem alvo” (I Co 9:26), antes pelo contrário, a graça se manifestou com um objetivo certo, ela veio para uma causa específica, Champlin (1980, p. 432) descreveu o seu lado salvífico e apontou o seu alvo, que na sua opinião é fazer com que os que por ela foram alcançados se tornem participantes da natureza divina, o autor faz as seguintes considerações sobre Tito 2:11:

É usado aqui o adjetivo *soterios*, que indica uma graça que proporciona salvação, e não meramente algum favor divino secundário, conforme há tantas manifestações dessa ordem. Nenhuma redenção está em foco, e, muito menos, algum favor terreno que envolva apenas esta existência terrena. A salvação consiste da transformação moral e metafísica segundo a imagem de Cristo, para que sejamos aquilo que ele é e para que compartilhem de sua natureza essencial, chegando a ser possuidores daquilo que ele possui, conforme se vê em Romanos 8:17, 29, para que sejamos a sua plenitude (Ef 3:19), em suas perfeições, atributos e natureza, e para que participemos da própria natureza divina (II Pe 1:4).

Moura (2008, p. 201) detalha Tito 2:11, chamando essa passagem de “a base teológica da conduta cristã”, em sua forma de pensar:

Aqui está a fundação doutrinária da igreja, a base teológica da conduta cristã, da vida piedosa que agrada a Deus. Em Tt 2:11 a conjunção “pois”, serve tanto para ligar quanto para distinguir o antecedente “sã doutrina” do subsequente “graça”, que foi manifestada (a ação verbal é passiva) para salvar; para ensinar, disciplinar, treinar e, na segunda vinda do Senhor Jesus, para julgar.

“Se manifestou” (epipháino), aparecer, manifestar-se; tornar-se visível; conhecido; “Foi manifestada, pois, a graça de Deus, salvadora [libertadora, resgatadora] a todos os humanos; no início de frase perifrástica, em relação a Deus.

A “graça” foi manifestada (foi tornada conhecida), foi feita visível a nós, na encarnação, no ministério, na morte e na ressurreição do Filho de Deus. “O Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória...” (Jo 1:14). A iniciativa da salvação é divina. Ninguém descobriu a salvação, ela foi projetada, graciosamente, sobre todos. Jesus Cristo, o favor divino imerecido, pode resgatar a criatura humana da condição infame de pecador perdido. O homem não é salvo na base dos próprios méritos, mas unicamente, na base da graça, esta ação soberana de Deus.

A salvação manifesta a todos os homens, é a luz de um novo dia para todo ser humano, e não há distinção.

É de admirar essa profundidade da graça salvadora de Deus, porque ela funciona com êxito no que concerne a restauração do ser humano, onde todas as outras tentativas falharam, ela provou ser capaz de cumprir o papel a que veio. A graça é o supremo plano de Deus elaborado desde a eternidade para restauração da raça humana.

O apóstolo diz que essa graça se manifestou, e as implicações da revelação dessa verdade é que norteiam toda a vida cristã e capacidade do cristão de viver nessa nova dispensação sob o domínio do Espírito, debaixo da graça. Se a manifestação da graça se deu através da encarnação e vida de Cristo, conclui-se que ela apareceu na “plenitude do tempo” (Gl 4:4), foi no tempo certo que a graça salvadora se manifestou.

2.2 A Universalidade da Graça

A graça de Deus que se manifestou em tempo oportuno com o objetivo de “buscar e salvar o que estava perdido” (Lc 19:10), revelou-se como sendo a “graça salvadora todos os homens” (Tito 2:11), nas palavras de Hendricken (2001, p. 250)

essa graça é “a grande ação penetrante, que dissipa as trevas trazendo a todos a salvação.”

Champlim (1980, p. 432) vê a graça como sendo “uma intervenção de Deus na história da humanidade em benefício dos pecadores”, ele descreve a atuação da mesma, da seguinte maneira:

Essa graça é que traz os escravos aos pés de Cristo, transformando-os. Nada existe que a graça divina não possa fazer. Ela nos confere a esperança da vida eterna, a saber, a transformação segundo a imagem de Cristo, de tal modo que chegamos a ser, essencialmente, o que ele é em sua natureza, participantes da sua herança. A grande graça que faz isso, conseguinte, é uma força educativa e instrutora poderosíssima. Ensina-nos como devemos viver em santidade ou utilidade espiritual. Não existe graça salvadora, a menos que haja aquela transformação moral operada pela graça de Deus. Essa é a mensagem que temos aqui, um ensinamento comum nas páginas do N. T., mas que requer muitas reiteraões.

O texto diz que a graça é de Deus, nesse de Deus no original grego é usado o genitivo possessivo, porque o favor lhe pertence; mas também vem dele, como sua fonte originária. Tal como por toda a parte da Bíblia, aprendemos que Deus é o grande benfeitor dos homens. Deus é o salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem. Isso é uma declaração de cunho polêmico, contra os gnósticos. Estes removiam Deus para bem longe dos homens, mediante seu conceito de uma interminável sucessão de mediadores angelicais, de tal modo que concebem uma divindade déista, sem qualquer interesse direto de entrar em contato direto com os homens. Bem ao contrário dessas idéias, Deus se interessa pelos homens de tal maneira que é chamado de Salvador deles; e ele tem feito intervenção na história humana, percebendo-se que ele tem trazido sua graça para com todos.

Mas como entender que a graça se manifestou salvadora a todos os homens, se nem todos os homens são salvos? Em resposta a essa questão Fee (1994, p. 206) observa que: “O que se manifestou foi a graça de Deus, que oferece salvação a todos os homens.”

A esse comentário, Stern (2008, p. 714) acrescenta: “Não obstante, nem todos estão salvos, porque nem todos se renderam a essa graça. Entretanto, porque ela apareceu a todos, todos têm a oportunidade de se render.”

Calvino (2007, p. 46) descreve a graça salvadora nos seguintes termos:

Não devemos esperar da parte de Deus nenhuma graça, nenhum amor, a não ser através da mediação de Cristo. A salvação é inteiramente obra gratuita de Deus, a qual recebemos por meio da fé. De um lado, devemos olhar para Deus; do outro, para o homem. Deus declara que não nos deve nada; de modo que a salvação não é um galardão ou recompensa, mas simplesmente graça. Ora, pode-se perguntar: como o homem recebe a salvação que lhe oferecida pelas mãos divinas? Eis minha pergunta: pela instrumentalidade da fé. Daí o apóstolo concluir que aqui nada é propriamente nosso. Da parte de Deus é graça somente, e nada

trazemos senão a fé, a qual nos despreze de todo louvor pessoal, então segue-se que a salvação não procede de nós.

É compreensível que Calvino pense assim, pois em seu pensamento: “Deus exibiu em Cristo as riquezas de sua graça, não de forma ordinária, mas extraordinária” (CALVINO, 2007, p. 47).

Mas, Champlin (1980, p.432) procurou se precaver contra um calvinismo restrito, assumindo certa cautela ao comentar Tito 2:11, buscando até onde possível trabalhar em prol do equilíbrio:

Quando se diz que essa graça foi manifesta a todos os homens, não temos aqui nenhum calvinismo restrito, e, sim, outra ênfase sobre a universalidade da provisão divina da salvação. João 12:32 mostra com a graça de Deus, dada em Cristo, deve produzir resultados universais, tão grande é o seu poder. O fato que a graça é conferida a todos os homens, também é uma questão polêmica. Os gnósticos costumavam classificar os homens em três grupos: 1. Haveria os hílicos ou terrenos, indivíduos tão absorvidos com as coisas materiais que não havia meio de se libertarem delas, tendo fatalmente de perecer com elas. A matéria, na concepção dos gnósticos, seria a própria essência do mal; e a maioria dos homens estaria de tal maneira dominada pela matéria que não haveria qualquer esperança de redenção. Dessa maneira, os gnósticos ensinavam que os hílicos seriam totalmente incapazes de redenção, devendo perecer, necessariamente. 2. Haveria indivíduos psíquicos uma classe de indivíduos capaz de certo grau inferior de redenção, como os profetas do A.T., os quais tinham alguma espiritualidade. 3. Finalmente, havia um pequeno grupo seletivo, os pneumáticos ou espirituais, os quais eram passíveis de redenção mais gloriosa, isto é, a reabsorção no ser de Deus. Esses se aproximariam de Deus através do seu conhecimento gnóstico. Esse conhecimento era esotérico, operando através da magia.

O autor nega a todas essas coisas, através dos seguintes pontos: 1. Todos os homens são passíveis de redenção. 2. Deus está interessado pelos homens, não sendo ele uma divindade deísta. 3. A sua graça se estende a todos, e não a alguma elite. 4. Essa graça nos traz a salvação, e isso no nível mais elevado da glória, o que é aqui visto como possível para todos os homens, até mesmo para pessoas de baixa condição social, como eram os escravos.

Se Tito 2:11 não for interpretado corretamente, é possível que alguns encontrem nesse texto uma base para se pregar o universalismo, inerente a isso Moura (2008, p. 207) comenta:

Todos os seres humanos, independentemente da idade, do sexo, da raça e da condição social, são alvos da maior de todas as provas de amor que o mundo já conheceu ou conhecerá: Jesus, a manifestação da graça de Deus, para salvação de todos os seres humanos.

“Todos”. Não podemos acordar com a idéia de que “todos” refere apenas a eleitos. Os textos em que este pronome indefinido aparece, seja no singular ou no plural, nunca fazem tal afirmação. Deus nunca prometeu salvação a pessoas especiais, mas a pecadores. E Jesus deixa claro que o que não crê é inteiramente responsável por sua decisão. “Quem não crê, já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus (Jo 3). O homem é condenado por não crer, não porque Deus não o haja escolhido. O Deus que conhece todas as coisas se auto-limita e não conhece um só homem a quem ele não ame e a quem não

queira salvar. Ele é o Deus que se revelou plena e conclusivamente em seu Filho Jesus Cristo, por amor ao mundo, para que “todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” “Todos” não consolida o universalismo, pelo contrário, afirma a chance universal de salvação. A necessidade é universal, por isso a salvação foi estendida a todos. O nosso Deus, afirma Paulo, “é o Salvador de todos os homens (I Tm 4). Ele não quer, diz Pedro “que ninguém se perca, se não que todos venham a arrepender-se” (2 Pe 3). Ele não tem prazer, diz o profeta, “na morte do ímpio... antes que se converta dos seus caminhos, e viva” (Ez 18). Os apóstolos ensinaram que todos os seres humanos são alvos da graça de Deus em seu Filho Jesus Cristo.

A graça de Deus salvadora manifesta sua bondade em vir ele mesmo na pessoa do seu Filho em busca dos pecadores, graças a grandiosidade do seu amor que manifestou, trazendo sua graça e possibilidade de salvação a todos os homens.

2.3 A Disciplina da Graça

A definição de graça salvadora dada por Paulo não permite qualquer sugestão de que Deus irá salvar o homem em sua condição de pecador (Rm 6:1-2), é bom que esse conceito seja compreendido, pois muitos poderiam fazer um mal da doutrina acerca da graça salvadora, para pregar a libertinagem; a graça conforme vista nas Escrituras também disciplina, ela tem algo a ensinar.

É certo que a graça trouxe a salvação, mas como muito bem destaca a Bíblia de Jerusalém (2004, p. 2080), essa salvação também traz suas “exigências”:

Com efeito, a graça de Deus se manifestou para a salvação de todos os homens”, e comenta: “A graça, eficaz misericórdia de Deus, e sua bondade, seu amor pelos homens, “manifestaram-se” renunciando a manifestação de I Tm 6:14. Novamente Paulo dá-nos duas exposições bastante sintéticas da obra da salvação, dos seus efeitos e exigências.

Spain (1980, p. 380) chama a exposição de Paulo em Tito a respeito da graça salvadora, de breve e concisa, e destaca: “Mas é bela e completa e serve para manter a ênfase sobre as boas obras na perspectiva correta”, é importantíssimo no estudo da graça que tais observações sejam ressaltadas, porque a graça traz junto consigo responsabilidades em relação à mensagem que prega, é necessário que uma pessoa tenha obras condizentes com a fé que professa ter. A doutrina pregada tanto pelo próprio Senhor Jesus Cristo, quanto posteriormente

pelos seus próprios apóstolos, sempre foi equilibrada, composta tanto de liberdade, quanto de obras que dão vida a essa fé (Tg 2:17).

Spain (1980, p. 382) indicou em quais níveis da vida essa disciplina atua:

A graça de Deus não só nos educa, mas também nos disciplina” e indica em quais aspectos a graça atua na vida dos alcançados por ela: “Ela nos educa em dois aspectos: 1- renegadas a impiedade e as paixões mundanas e 2- vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente.

Os discípulos de Jesus, estes que um dia foram alcançados pela graça salvadora, precisam entender a esperança para a qual foram chamados, Hendriksen (2001, p. 455) a descreve:

A graça de Deus nos educa a fim de vivermos vida consagradas enquanto aguardamos a bendita esperança. A expressão aguardar ou olhar para frente com paciência modifica o viver, atitude esta que é uma circunstância presente ou explicação adicional. É “a bendita esperança” que os crentes estão aguardando. A graça educa. O verbo usado no original é do mesmo teor que o substantivo pedagogo. Um pedagogo é alguém que conduz crianças passo a passo. Assim também a graça amoravelmente conduz e guia. Não precipita as coisas em confusão. Não subverte súbita e forçosamente a ordem social. Por exemplo, não ordena abruptamente aos senhores que dêem alforria aos seus escravos; tampouco ordena insensatamente aos escravos que se rebelam contra seus senhores. Ao contrário disso, gradualmente leva os senhores a perceberem que o abuso da liberdade de seus semelhantes é um grande mal, e convence os escravos que apelar para a força e para a vingança não é solução para nenhum problema. A graça educa ensinando (At 7:22, 22:3), disciplinando (1 Tm 1:20, 2 Tm 2:25), aconselhando, confortando, incentivando, admoestando, guiando, convencendo, retribuindo, restringindo, etc.

Esse é o padrão, mas àqueles que pensam que ser salvo é ter liberdade para viver no pecado, Moura (2008, p. 207) aconselha:

Ninguém deve se escudar na salvação, na garantia da vida eterna para viver uma vida desregrada, rebelde, licenciosa, porque a “graça” ensina exatamente o oposto: A viver uma vida devotada a Deus, santa, justa, distinta dos padrões ditados pelo mundo. É a vida que fomos chamados a viver, em Cristo.

Uma pessoa cuja conduta é caracterizada pela impiedade não pode se dizer crente, verdadeiramente salva. Mas Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo; a graça foi manifestada “trazendo salvação a todos os homens”, para “destruir as obras do Diabo” (1 Jo 3:8). E o apóstolo ajunta: “Aquele que é nascido de Deus não peca habitualmente; porque a semente de Deus permanece nele, e não pode continuar no pecado, porque é nascido de Deus” (1 Jo 3:9). A vida cristã e incompatível com a impiedade, o que aceita a “graça” salvadora é ensinado a renunciar ao pecado, renunciar mais do que evitar, é negar, é ter aversão, é buscar a vontade de Deus. Jesus disse: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou (Jo 4:34). Paulo podia abrir mão da própria vida: “Mas em nada tenho a minha vida como preciosa para mim, contanto que complete a minha

carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus Cristo, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.

Essa nova vida debaixo da graça, não deve ser vivida apenas como um conjunto de regras, caso contrário, voltaríamos para a lei, mas como Carson, Moo e Morris (1997, p. 425) destacam que o objetivo do apóstolo Paulo aqui em Tito era mostrar ao seu público alvo um modelo de como os cristãos alcançados pela nova vida deveriam viver, eles o chamam de o mais elevado padrão: “A carta deixa claro que a vereda cristã implica em instar as pessoas a não procurarem ser vitoriosas por seu próprios esforços, mas a depender da graça de Deus.”

Agora estamos firmados numa nova base doutrinária, uma nova aliança, a aliança do Espírito, segundo Gundry (2004, p. 366), essa nova vida: “Representa a base doutrinária, a qual confere salvação, conduz à vida piedosa e oferece a ‘bendita esperança’ da volta de Jesus”, segundo o mesmo autor: “A base experimental dessas instruções é a regeneração operada pelo Espírito Santo.”

Essa nova base doutrinária, segundo a NVI (2003, p. 2087):

Resume o efeito que a graça devia ter sobre os crentes. Estimula a rejeição da impiedade e leva a uma vida mais santa – em conformidade com a reiterada insistência de que a profissão de fé em Cristo deve ser acompanhada de viver piedoso. “Porque” introduz a base doutrinária das exigências éticas que acabam de ser ressaltadas. A conduta certa deve alicerçar-se na doutrina certa. A “graça de Deus” é o amor imerecido que Deus nos demonstrou em Cristo enquanto ainda éramos pecadores e inimigos de Deus (Rm 5:6-10) e pelo qual somos salvos independentemente de quaisquer realizações morais ou atos religiosos de nossa parte (Ef 2:8,9). Mas essa mesma graça ensina que a nossa salvação deve produzir boas obras (Ef 2:10).

A Bíblia Pentecostal (2002, p. 1890) é ainda mais enfática:

A graça de Deus nos versículos 11-14 descrevem a natureza e o propósito da graça salvífica de Deus. Segundo Paulo, a graça salvífica ensina o crente a rejeitar decididamente as paixões ímpias, prazeres e valores desta era, e considerando-os abomináveis e dirige e capacita o crente a viver “justa e piamente”, enquanto espera ansiosamente pela bem-aventurança e pelo aparecimento de Jesus Cristo.

A graça disciplina, porque na verdade não há outra maneira dela cumprir o papel para o qual veio ao mundo; a graça se manifestou para salvar, e essa salvação que o Espírito Santo opera na vida de um indivíduo, não o deixa como está, a graça muda aos que por ela foram alcançados, ela trabalha na pessoa no sentido de restaurar a imagem distorcida pelo pecado, a mesma graça que salva é a

que disciplina, e é bom que seja assim: “Pois o Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo aquele a quem aceita como filho” (Hb 12:6).

3 A REVELAÇÃO DA GRAÇA SALVADORA

Baseado em diversos teólogos, nesse capítulo, descreverei a grandiosidade da graça de Deus: sua manifestação, seu alcance e a transformação radical que ela opera na vida da pessoa que por ela foi alcançada.

3.1 A Graça que se Manifestou

Em algum momento da história humana a graça de Deus se manifestou, ela foi revelada aos homens; e se ela se manifestou é porque outrora estivera oculta ao nosso conhecimento, com isso, não pretendo dizer que a graça não existisse na eternidade, porque como disse Stott (2004, p. 198): “É certo que a graça não veio a existir somente quando Cristo veio. Deus sempre foi gracioso, de fato o Deus de toda a graça”, mas a questão é que a graça se tornou conhecida.

Essa graça que no grego é *charis*, que significa literalmente graciosidade, atrativo, favor, revela em si a maior manifestação da misericórdia divina em benefício dos pecadores. Na minha forma de ver ninguém definiu melhor a graça de Deus do que Hendriksen (2001, p. 452), segundo o autor, a graça de Deus: “É seu favor ativo em outorgar o maior dom aos que merecem o maior castigo”, essa é a poderosa arma de Deus, o seu projeto eterno para restaurar a raça humana caída pecadora e restituir neles a imagem divina distorcida pelo pecado. Embora seja difícil, mesmo pesquisando seus escritos, saber exatamente o que Hendriksen tinha em mente ao lançar tal definição de graça, eu a entendo como sendo o amor atuante de Deus sobre àqueles que não somente nasceram em pecado (por causa do pecado inicial de Adão, condição essa, inerente a toda raça humana), mas que através de suas próprias más ações tornaram-se merecedores do castigo imposto pela ira divina sobre o pecado, e dignos do maior castigo que é separação eterna de Deus. Como muito bem ressaltou o apóstolo Paulo: “O salário do pecado é a morte”

(Rm 6:23a), nesse sentido, nos encontramos totalmente dependentes da bondade de Deus, e graças a ele, nesses últimos tempos sua graça se manifestou:

Ela apareceu. O verbo usado no original se relaciona ao substantivo epifania, ou seja, aparecimento ou manifestação (por exemplo, do sol ao amanhecer). A graça de Deus surgiu repentinamente sobre os que estavam nas trevas e na sombra da morte. Ela despontou quando Jesus nasceu. (HENDRIKSEN, 2001, p. 452)

O verbo usado no original se relaciona ao substantivo epifania, ou seja, aparecimento ou manifestação, essa graça se tornou conhecida não somente dos seres humanos, mas também dos celestiais (Ef 3:9,10), e é interessante pensar no comentário de Hendriksen que diz que a graça despontou quando Jesus apareceu, porque é fato que: “A graça de Deus se manifestou quando Jesus se manifestou” (STOTT, 2004, p. 204), a manifestação da graça coincide com a manifestação do Filho, porque como última revelação de Deus (Hb 1:2), Jesus trouxe consigo, a graça e a verdade (Jo 1:17).

Stott (2004, p. 204) fez um comentário interessante ao dizer que: “A graça de Deus nos foi dada antes do início do tempo, mas foi agora revelada pela manifestação de nosso Salvador, Cristo Jesus”, é por isso que em Stott (2004, p. 198): “A graça tornou-se visível em Jesus”, esse comentário do autor, frisa mais uma vez o fato da graça ser preexistente e nos remete obrigatoriamente para uma conclusão inevitável: Se alguém quiser contemplar a graça de Deus, basta olhar para Jesus, sua vida, obra e ministério, enfim, todas suas manifestações terrenas apontavam para a visível manifestação da bendita graça que se revelou.

Kelly (1991, p.201) assim como Hendriksen, definiu muito bem graça de Deus: “A graça representa o favor gratuito de Deus, a bondade espontânea mediante a qual intervém para ajudar e livrar os homens. A graça de Deus é alguma coisa acerca da qual, à parte da revelação, os homens não poderiam ter formado qualquer noção”. Um exemplo dessa verdade é notório no ministério do apóstolo Paulo, ele diz ter recebido a revelação do mistério de Cristo por revelação (Ef 3:3-5), e atribuiu o seu chamado apostólico ao dom da graça de Deus (Ef 3:7), Champlin (1980, p. 575) confirma: “Paulo recebeu a graça, o que o qualificou para o seu ofício apostólico”, sendo assim, chegamos à conclusão de que a graça é livre e atua unicamente segundo seu beneplácito para conceder seus favores aos por ela alcançados; e num certo momento essa graça apareceu como uma luz:

A metáfora subjacente é aquela do repentino irromper de luz, como na aurora. A referência não é simplesmente à Natividade de Jesus Cristo, mas, sim à Sua carreira terrestre inteira, inclusive Sua morte e ressurreição. Nisto temos uma revelação maravilhosa do amor e favor divinos. (KELLY, 1991, p. 204)

Nas palavras de Champlin (1980, p.430): “A graça resplandece diante dos homens”, a graça é própria luz que brilha nos meio das trevas para trazer esperança àqueles que viviam no meio das trevas.

“No grego temos epiphaneia, manifestação, aparecimento. Era termo empregado para indicar eventos grandemente antecipados” (CHAMPLIN, 1980, p. 433). O aparecimento da graça é o grande evento de Deus que surgiu na eternidade para manifestar no tempo oportuno de Deus sua infinita bondosa disposição de perdoar pecadores arrependidos.

O pensamento de que a graça de Deus surgiu na eternidade pode trazer alguma dúvida a alguém que tem dificuldade em pensar com outra categoria de pensamento – o pensamento do ponto de vista eterno – porque eternidade não é o tempo linear que se estende indefinidamente, mas é uma dimensão sem tempo onde Deus reside. A graça faz parte da essência de Deus e está além do controle humano, nada em em nossa dimensão tempo-espaco foi a causa do seu aparecimento, e foi devido ao seu propósito eterno que ela se encontra atuante na Terra.

O autor da epístola aos Hebreus falou sobre um novo tempo de Deus sobre a Terra ao descrever a Nova Aliança: “Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor. Porei as minhas leis em seu coração e as escreverei em sua mente; e acrescenta: Dos seu pecados e iniquidades não me lembrarei mais” (Hb 10:16, 17), a revelação dessa Nova Aliança coincide com o aparecimento do Filho que é a última das manifestações de Deus em sua revelação aos seres humanos, e por causa dele adverte:

Hoje, se vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o coração, como na rebelião, durante o tempo da provação da deserto, onde os seus antepassados me tentaram, pondo-me à prova, apesar de, durante quarenta anos, terem visto o que eu fiz. Por isso fiquei irado contra aquela geração e disse: O seu coração está sempre se desviando, e eles não reconheceram os meus caminhos. Assim jurei na minha ira: Jamais entrarão no meu descanso (Hb 3: 7-11).

Essa Nova Aliança é chamada por alguns de a Aliança da Graça, porque vivemos nesse tempo em que o favor de Deus é estendido às pessoas, porque a

graça se manifestou, essa é a sua dispensação, o mistério de Deus que estivera escondido desde a eternidade se revelou e o seu objetivo primordial inerente à raça humana é primeiramente salvá-la.

3.2 A Graça Salvadora de Todos os Homens

Interessante e profunda é essa afirmação do apóstolo Paulo: “Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens” (Tito 2:11), após ter dito que essa graça se manifestou, imediatamente Paulo descreve o porquê, a causa primária dela ter vindo, ela veio para salvar, sobre isso Champlin (1980, p. 432) esclarece:

É usado aqui o adjetivo *soterios*, que indica uma graça que proporciona a salvação, e não meramente algum favor divino secundário, conforme há tantas manifestações nessa ordem. Nenhuma redenção inferior está em foco, e, muito menos, algum favor terreno que envolva apenas esta existência terrena. A salvação consiste da transformação moral e metafísica segundo a imagem de Cristo, para que sejamos aquilo que ele é e para que que compartilhemos de sua natureza essencial, chegando a ser possuidores daquilo que ele possui, conforme se vê em Rm 8:17,29, para que sejamos a sua plenitude (Ef 1:23) para que recebamos toda a plenitude de Deus (Ef 3:19), em suas perfeições, atributos e natureza, e para que participemos da própria natureza divina.

Paulo diz que essa graça que irrompeu como luz em meio as trevas, trouxe luz para todos os homens; chega a ser difícil definir em palavras a grandiosidade e preciosidade de tal afirmativa, o caminho para uma melhor compreensão só pode se dar se consideramos o estado de perdição em que nos encontrávamos, nas palavras de Romanos 3:23, estávamos totalmente destituídos da glória de Deus, dignos da ira, da morte eterna, mas agora a graça se manifestou trazendo esperança pois pela misericórdia de Deus, aos salvos é dito: “Sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que em Cristo Jesus” (Rm 3:24).

Ao lermos Tito 2:11, devemos tomar certas medidas para com muita precaução não formarmos um ponto de vista antagônico às Escrituras Sagradas, porque é verdade que ao se ler que essa graça “se manifestou a todos os homens”, muitos entendem aqui a universalidade da salvação, mas esse pensamento não encontra base na revelação bíblica, seria incoerente pensar que o evangelho da graça vêm sobre as pessoas e não teria o poder de modificá-las, seria um paradoxo pensar na pregação e nos ensinamentos apostólicos referente à santificação se

é certo que ao final das contas todas as pessoas já estão salvas pelo fato dessa graça ter “se manifestada a todos os homens”. Para entendermos a interpretação desse texto paulino, precisamos conhecer primeiramente o pensamento do apóstolo e sobre isso Spain (1980, p. 204) esclarece: “A definição de graça salvadora dada por Paulo não permite qualquer sugestão de que Deus irá salvar o homem na sua salvação de pecador.”

Compartilho da visão Hendriksen de que a graça se manifestou a todas as pessoas. Para Hendriksen o contexto de Tito 2:11 deixa o significado do texto bem claro, de maneira que: “Masculino e feminino, idoso ou jovem, rico ou pobre: todos são culpados diante de Deus, e dentre todos eles Deus congregou seu povo. Anciãos, anciãs, homem e mulheres mais jovens, e até mesmo escravos, devem viver vidas consagradas” (HENDRIKSEN, 2001, p. 453).

Esse ponto de vista só confirma a mesma linha de pensamento, de diversos teólogos, conforme descrito até aqui.

Ainda sobre essa universalidade da graça, quanto ao seu aspecto salvador Stott (2004, p. 198) confirma: “Ela passou a ser publicamente oferecida a todos, até mesmo a escravos”, aqui Stott cita os escravos, e ao dizer que essa graça passou a ser pública, podemos inferir com isso que essa graça não faz acepção de pessoas, essa graça se manifestou com o objetivo de salvar pessoas independentemente de se levar em conta fatores sociais.

3.3 A Escola da Graça

Segundo Hay Aitken² (1880), citado por Stott (2004, p. 198), “A graça não apenas salva, mas encarrega-se de nos instruir”. Desse modo, todos os cristãos tornam-se “Alunos na Escola da Graça”. Além disso, continua o autor, “a graça baseia todo o seu ensino nos grandes fatos nos quais a sua primeira revelação se deu, e encontra todo o seu poder de ensino nessas poderosas memórias.”

Ainda dentro dessa mesma linha de pensamento, Stott (2004, p. 198), lança uma interessante pergunta:

² Canon Hay Aiklen, publicou em 1880 na Inglaterra, um livro intitulado “A Escola da Graça”.

O que, então, a graça ensina? Duas lições principais. Primeiro, num enfoque negativo, ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas. Segundo, agora com um enfoque positivo, ela nos ensina a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente. Assim, a graça nos disciplina a renunciar à nossa velha vida e a viver uma nova vida, a passar da impiedade para a piedade, do egoísmo ao autocontrole, dos caminhos desonestos a um tratamento justo com todos os demais.

Seria incoerente pensar numa graça que apenas salva a pessoa e a deixa exatamente como sempre foi; segundo o apóstolo Paulo, em continuação ao texto que diz que essa graça se manifestou salvadora a todos os homens, essa graça tem algo a ensinar: “Ela nos ensina à renunciar a impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (Tito 2:12-13). Esse texto tem sido focado por muitos teólogos e escritores bíblicos, pois descreve maravilhosamente o objetivo da graça de Deus, pois ao manifestar-se ela visa não apenas salvar a pessoa do castigo divino, mas ela ensina aos por ela alcançados, como podem agradar a Deus, Stern (2008, p. 627) frisa esse ponto da seguinte maneira: “A fé sem obras está morta (Tg 2:14-26); portanto, a confiança que não leva às boas ações não pode salvar e não é um canal da graça de Deus.”

Um dos escritores que descrevem de forma apaixonada essas boas ações é Stott (2004, p. 201). Ele continua a descrever a escola da graça: “A graça não apenas salva, mas encarrega-se de nos instruir, além disso, a graça baseia todo o seu ensino nos grandes fatos nos quais sua primeira e grande revelação se deu, e encontra todo o seu poder de ensino nessas poderosas memórias”, essa poderosa verdade destacada por John Stott foi muito bem frisada, e eu concordo com propriedade, a graça além de nos salvar, nos disciplina a renunciar à nossa velha vida e a viver uma nova vida, a passar da impiedade para a piedade, do egoísmo ao autocontrole, dos caminhos desonestos a um tratamento justo com os demais; o objetivo da graça nessa nova dispensação do Espírito é formar as pessoas e capacitá-las a viver no presente momento de uma forma que agrade e glorifique a Deus.

Mas Stott (2004, p. 201) vai além: “A graça não apenas torna possível as boas obras (capacitando-nos a fazê-las), mas também as torna necessárias (desafiando-nos a viver segundo elas). A ênfase acha-se na necessidade, não na

mera possibilidade, de boas obras”, a mensagem que se quer transmitir aqui soa de uma forma clara, nos escritos do Novo Testamento, principalmente nos paulinos, é evidente que a graça cria a necessidade de se praticar boas obras, sim, as boas obras não necessárias. Aliás o apóstolo Tiago diz que não há outra maneira de demonstrar a fé sem que seja através dessas, sendo assim as obras testificam quando uma fé é verdadeira, pois sempre será acompanhada de frutos condizentes com a fé que se professa, essa foi a mensagem de Jesus, essa foi a mensagem de João o Batista, que a partir do deserto desafiava seus ouvintes a: “Produzir frutos que mostrem o arrependimento” (Mt 3:8).

Ainda seguindo esse mesmo pensamento de Stott, deve-se considerar que como existe verdadeiramente uma escola da graça, subentendido está o fato de que não há uma escola que forme alunos sem testes práticos para se verificar o conteúdo aprendido, aqui destaca-se novamente a necessidade de que em meio aos testes da vida, as boas obras demonstram a verdadeira graça de Deus, que não apenas salva o indivíduo, mas o transforma de dentro para fora, levando-o a viver nesse tempo presente de uma forma coerente com esse chamado da graça – um chamado primeiramente para a salvação, e depois, para a santidade, que visa restabelecer no ser humano a imagem de Deus que outrora foi distorcida lá no Éden.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi mostrado nesse trabalho, a graça esteve atuante desde a eternidade, se manifestou na criação, nos grandes feitos de Deus no passado, e na nova dispensação da graça do tempo presente.

Ao estudar a graça aprendi que mesmo antes da criação ela já estava atuante – como parte da essência de Deus ela sempre existiu – mas, na plenitude do tempo ela se manifestou.

Entender a manifestação da gloriosa graça salvadora, pode revolucionar a vida de um cristão comum, e colocar o cristão maduro diante de novas perspectivas, pois é maravilhoso saber que tudo que recebemos de Deus é através da graça.

Quando na plenitude do tempo a graça se manifestou, tornando-se assim conhecida dos homens, ela trouxe consigo a possibilidade de salvação, a graça salvadora encontra-se atuante entre nós, mas essa graça não apenas salva, ela também ensina;

A graça tem me ensinado a renunciar o pecado, e a voltar-me para Deus, porque como dizia Lutero: “a graça é comunhão pessoal de Deus com o pecador” (TILLICH, 2000, p. 229). Agora diante dessa nova oportunidade oferecida pela graça, o ser humano pode reatar a sua comunhão como o Deus Altíssimo.

É pela graça que entendo a cada dia um pouco mais sobre a graça, e isso me tem feito crescer na vida cristã.

É pela graça (e quanta graça) que com a ajuda de Deus concluí esse trabalho para a glória do seu santo nome.

BIBLIOGRAFIA

- AULÉN, Gustaf. *A Fé Cristã*. São Paulo : Aste, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. A Bíblia Viva. São Paulo : Mundo Cristão, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo : Paulus, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional. São Paulo : Vida, 2003.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro : CPAD, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Edição Revista e Corrigida. São Paulo : Geográfica Editora, 2003.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo, Sinodal, 1999.
- CALVINO, João. *Comentário Bíblico de Efésios*. São Paulo : Editora Fiel, 2007.
- CARSON, D. A; MOO, Douglas J; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Vida Nova, 1997.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado*. São Paulo : Sociedade Religiosa a Voz Bíblica Brasileira : 1980.
- DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo : Vida Nova, 2006.
- FEE, Gordon D. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo 1 & 2 Timóteo, Tito*. São Paulo : Vida, 1994.
- FERREIRA, Franklin; MYATT Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo : Vida Nova, 2007.
- GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo : Vida Nova, 2004.
- HAWTHORNE, Gerald F; MARTIN, Ralph P; REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo : Vida Nova, Paulus, Edições Loyola, 2008.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento – 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo : Cultura Cristã, 2001.
- KELLY, J. N. D. *Epístolas Pastorais*. São Paulo : Vida Nova, 1991.
- MOURA, Pedro. *Carta de Paulo a Tito*. Pedro_Moura. Salvador, 2008.
- PEDRO, Aquilino de. *Dicionário de termos religiosos e afins*. São Paulo : Editora Santuário, 1993.
- PIKAZA, Xabier.; SILANES, Nereo. *Dicionário Teológico o Deus Desconhecido*. São Paulo : Paulus, 1988.

- RICHARDS, Lawrence. *Comentário Bíblico do Professor*. São Paulo : Vida, 2004.
- RIENECKER, Fritz; ROGERS Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento*. São Paulo : Vida Nova, 1995.
- SHEDD, Russel P. *Lei, Graça e Santificação*. São Paulo : Vida Nova, 2002.
- SPAIN, Carl. *Epístolas de Paulo a Timóteo e Tito*. São Paulo : Vida Cristã, 1980.
- STAMPS, Donald C. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro : CPAD, 2002.
- STERN, David H. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. São Paulo : Atos, 2008.
- STOTT, John. *A Mensagem de I Timóteo e Tito*. São Paulo : Abu, 2004.
- TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo : Aste, 2000.
- UNGER, Merrill Frederick. *Manual Bíblico Unger*. São Paulo : Vida Nova, 2006
- VINE, W. E; UNGER, Merrill F; JUNIOR, William White. *Dicionário Vine, O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro : CPAD, 2002.
- YOUNGBLOOD, Ronald F; BRUCE, F.F.; HARRISON, R. K. *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. São Paulo : Nova Vida, 2004.